

Xosé Lois García: um galego entre nós

p. 81 - 89

Andityas Soares de Moura ¹

Resumo

O presente trabalho pretende refletir de forma breve sobre a vida e a obra do escritor galego Xosé Lois García (1945). Para tanto, o texto localiza a obra do autor no contexto da poesia galega, a qual é comparada com a poesia brasileira contemporânea. Ao final, é feita uma discussão sobre os principais temas presentes na poesia do autor.

Abstract

This paper aims to reflect briefly on the life and work of the Galician writer Xosé Lois García (1945). Therefore, the text locates the author's work in the context of Galician poetry, which is compared with contemporary Brazilian poetry. Finally, a discussion is made on the main themes of García's poetry.

Introdução

Poeta galego nascido na cidade de Lugo no dia 22 de abril de 1945, Xosé Lois García Fernández desempenha um importante papel na cultura e na vida literária galega. Filho de uma humilde família camponesa, foi criado e viveu até os 20 anos na Paróquia de Merlán, em Chantada (Galiza). Prestou serviço militar em Sidi-Ifni (Marrocos). Durante a juventude, foi operário na fábrica de carros SEAT por 18 anos, período que o poeta classifica como “inferno”. Atuou sindicalmente e na clandestinidade, lutando por ideais políticos de caráter socialista e em especial pela emancipação da Galiza. Antólogo da poesia galega e portuguesa em suas diversas expressões (europeia, brasileira, asiática, guineense, angolana, moçambicana etc.), Xosé Lois é formado em Geografia e História pela

Universidade de Barcelona, onde vive hoje, ainda que suas estadias na Galiza sejam cada vez mais longas e frequentes. Ex-membro associado do Departamento de Estudos de Arte Românica do Instituto de Estudos Catalães, dirigiu com grande competência e apuro técnico o *Arxiu Històric Minicpal de Sant Andreu de la Barca*, em Barcelona. Atualmente encontra-se aposentado, dedicando-se ao periodismo cultural e às artes da escrita em geral.

Além de poeta, García desenvolve relevante obra no campo da crítica de arte e literária (com textos, artigos e livros sobre Manuel María, Carles Riba, Rosalía de Castro, Castelao, trovadores e jograis galaico-portugueses, entre outros), da tradução (destacam-se seus trabalhos referentes ao poeta africano Agostinho Neto e a Lao Tzê), do teatro e da prosa. Tem vários livros de

¹ Possui Graduação em Direito (2002), Mestrado em Filosofia do Direito (2004) e Doutorado em Direito e Justiça (2009), todos pela Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte/Brasil). Cursa o Doutorado em Filosofia na Universidade de Coimbra (Portugal). Atualmente é Professor Adjunto III de Filosofia do Direito e disciplinas afins na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais (Graduação e Corpo Permanente da Pós-Graduação) e Professor Titular de Filosofia do Direito no curso de Direito da FEAD.

poemas em editoriais galegas e portuguesas. É correspondente e colaborador das seguintes revistas literárias: *Nova renascença* (Portugal); *Anto* (Portugal); *Colóquio letras* (Portugal); *Jornal de letras* (Portugal); *Cadernos do Tâmega* (Portugal); *Saudade* (Portugal); *Luções de Galiza* (Galiza); *Caliban* (Brasil) e *Jornal de Angola* (Angola).

Foi criador de programas de rádio sobre temas galegos, além de fundador de revistas políticas e culturais. Investigador de temas relacionados à Catalunha, publicou as seguintes obras: *Castelao i Catalunya, El probleme de las nacionalitats ibèriques*, antologia de textos do *Sempre en Galiza de Castelao* e *Castelao dende Catalunya*. Também escreveu obras de interesse para a crítica e a história da arte, tais como seus profundos estudos sobre a simbologia românica das regiões de Amarante (Portugal) e de Pantón (Galiza).

Seus livros de poemas, em ordem de publicação: *Borralleira para sementar unha verba* (1974); *Non teño outra cantiga* (1975); *Do Faro ó Miño* (1978); *Aquarium* (1982); *Materia corporal* (1986); *Os indícios do sol* (1988); *Tempo precario* (1988); *Labirinto incendiado* (1989); *Paixón e rito* (1993); *Círculo de luz e xisto* (1994); *Rosto incompleto* (1996); *A figueira lingoreteira* (poesia infantil, 1997); *Falo de Baco* (1998); *O som das águas lentas* (1999); *Sambizanga* (1999); *Kalendas* (2005); *Poemas pornofálcos* (2005); *África: em sinfonia solar* (2005); *Do Faro ao Miño II* (2007); *No imo do tempo* (2007); *Pórticos do gozo: poemas a Pantón* (2008) e *Petroglífiá: poemas a Sober* (2010).

Seus principais estudos, traduções e antologias: *Os trobadores das terras de Chantada*; *Lectura e itinerario posibel polo "Terra cha" de Manuel Maria*; *Cantares d'amor e d'amigo de Carles Riba*; *Simboloxía do románico de Pantón*; *Junto às águas velhas (antologia de poemas de vários autores)*; *Homenagem a Angola no XXV aniversário da sua independência nacional (1975-2000)*; *Nacionalidades colonizadas da Europa Occidental*; *Discursos parlamentarios (1931-1935)*:

Castelao, Otero Pedrayo, Suárez Picallo e Vilar Ponte; *Rosalírica: homenaxe de 27 poetas portugueses a Rosalía*; *Escolma de poesía galega: 1976-1984* (antologia da poesia galega); *Actual poesia de Moçambique*; *Antología de la poesía actual portuguesa*; *Simbologia do románico de Amarante*; *Sagrada esperanza* (obra de Agostinho Neto, tradução); *Poesía en acción* (antologia da poesia moçambicana do século XX); *Poemas a la madre África* (antologia da poesia angolana); *Floriram cravos vermelhos* (antologia poética de expressão portuguesa africana e asiática); *Antologia da poesia feminina dos países de língua oficial portuguesa*; *Jacinto: a luta do poeta-guerrilheiro contra a alienação*; *Adegas Amedo: na tradición dos viños de San Fiz*; *Alén do azul: unha ducia de poetas galegos en Catalunya* (antologia); *Antología de la poesía brasileña*; *Tao te king* (obra de Lao Tzé, tradução); *Antoloxía dos poetas galegos en Cuba e Poesía anónima africana de Rogelio Martínez Furé* (tradução).

Nos dias 13 e 14 de agosto de 2005 celebrou-se em Chantada um Colóquio para homenagear Xosé Lois García. O evento foi organizado por Pepe de Requeixo e pela Profa. Dr. Cristina Mello, da Universidade de Coimbra. Mais de cinquenta escritores e artistas da Galiza, de Portugal, do Brasil, de Cuba e da África participaram do evento, entre os quais destacamos os nomes de Miguel Seoane García, Xoán Neira, Xésus Alonso Montero, Xosé A. Pérez Bouza, Ramón Caride Ogando, Vicente Araguas, Manuel Xosé Neira, Camilo Gómez Torres, Arlindo Barbeitos, Fábio Lucas, Nancy Morejón, Virgílio Alberto Vieira, Xosé Neira Vilas e Xúlio Valcarcel. As Atas do Colóquio foram publicadas em 2006, resultando em um amplo volume de quase 500 páginas no qual são abordados vários aspectos da obra de Xosé Lois García. As Atas e vários outros textos de García estão disponíveis em sua página eletrônica (www.xoseloisgarcia.com). Em 2008 o poeta foi premiado com o "Pedrón de Honra", uma das honrarias culturais mais importantes da

Galiza.

Poesia brasileira e poesia galega

A poesia brasileira e a galega têm uma semelhança importante: ambas são novas, se comparadas com as tradições francesa, inglesa, italiana, castelhana, portuguesa ou alemã. A nossa poesia só começa a nascer verdadeiramente, assim como a galega, graças ao influxo do romantismo, que na Galiza foi algo tardio [2]. Antes de tal movimento, o que havia no Brasil era uma poesia de imitação portuguesa, excluindo-se alguns raros momentos de relativa originalidade, como o Arcadismo dos poetas da Inconfidência Mineira (Frei José de Santa Rita Durão, José Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Inácio José de Alvarenga Peixoto e Manuel Inácio da Silva Alvarenga) e a sátira mordaz e moderna de Gregório de Matos. Com o romantismo, o Brasil começa a conhecer a sua própria identidade, sem, no entanto, abrir mão do modelo europeu. Essa tensão está bem representada nas obras de José de Alencar, Gonçalves Dias e Álvarez de Azevedo, e, também, caracterizará os maiores nomes das correntes posteriores ao romantismo, notadamente o parnasianismo de Olavo Bilac, o simbolismo de Cruz e Souza e o pré-modernismo de Augusto dos Anjos.

Só com o modernismo da Semana de Arte Moderna de 1922 é que tomamos consciência de nossa subserviência cultural, literária e, por conseguinte, poética. A partir de então, a poesia

brasileira passa a tentar construir, num âmbito só seu, *tonus, modus e materiae* próprias, com maior ou menor sucesso durante as décadas do conturbado século XX. Os nomes são muitos, em resumo apertado são indispensáveis os de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Cecília Meireles, Murilo Mendes, João Cabral de Melo Neto, Mario Faustino, Ferreira Gullar, Haroldo de Campos e Augusto de Campos. Nos dias de hoje, a “missão histórica” do poeta brasileiro parece ter se esgotado devido ao cansaço e à consciência de que talvez não seja possível uma “poética brasileira” específica. Por outro lado, o colonialismo cultural continua forte na poesia brasileira na qual tudo que é estrangeiro, ou melhor, europeu (e norte-americano em menor escala), é visto com bons olhos. Todavia, esse não é o momento de se fazer a crítica da, em sua grande maioria, medíocre poesia brasileira do final do século XX e início do XXI [3]. Apenas trazemos para o leitor dados objetivos necessários à compreensão da ideia que estamos a expor, referente a algumas similitudes entre a poesia brasileira e a galega.

A Galiza, devido a circunstâncias muito diferentes, só viu a sua poesia desabrochar com o Rexurdimento [4]. Muitos estudiosos galegos já escreveram sobre a amplitude e a importância do movimento, mas nunca é demais sublinhar o seu significado. Antes de todos os outros tivemos os poetas galaico-portugueses, contudo, entre D. Dinis e Rosalía de Castro há um imenso vácuo ocupado por epígonos e enormes silêncios. Além

2 Existem vozes discordantes, especialmente no que toca a Rosalía de Castro, quanto à identificação entre romantismo e Rexurdimento na Galiza. Entre elas, as de Miguel González Garcés e de Xosé Luis Méndez Ferrín (GARCÉS, 1976, vol. I).

3 Que os poetas brasileiros não se sintam ofendidos com nossa afirmação de caráter polêmico. Não estamos sozinhos. A má-qualidade da poesia contemporânea tem raízes profundas e, como gostam meus caros colegas, estrangeiras. Na Viena dos anos 30 um irônico Robert Musil perguntava: “Nunca percebeu que nossos jornalistas estão cada vez melhores e nossos poetas cada vez piores?” (MUSIL, 1989:455).

4 Uma antologia simples, mas bem informada, é a de Román Raña, Manual e escolma do rexurdimento, à qual remetemos o leitor interessado em conhecer os textos essenciais do referido movimento.

disso, a poesia galaico-portuguesa é patrimônio não só dos galegos, mas também dos brasileiros, dos portugueses e de todos os povos que utilizam a língua de Camões e Fernando Pessoa. Por isso é que a poesia especificamente galega se inicia com Rosalía, Curros e Pondal, todos os três, aliás, fundamentais para a maturação poética de Xosé Lois García.

Como a brasileira, a poesia galega foi, na sua origem, poesia de colonizados, de um povo que não se sentia – e na maior parte das ocasiões, efetivamente não era – senhor do seu próprio destino. César Morán entende que a história da literatura galega é permeada por diversos períodos vazios que se relacionam às condições históricas nas quais se desenvolveu a sociedade galega. Para o estudioso, sociedade e literatura são faces da mesma moeda [5].

As semelhanças entre a poesia brasileira e a galega param por aqui. A partir de Rosalía de Castro, os poetas galegos assumiram com fervor o encargo de estruturar a língua e defender a cultura da nação. Os movimentos, as escolas e as orientações sucederam-se vertiginosamente. As experiências artístico-literárias pelas quais os países europeus desenvolvidos passaram ao longo de séculos foram todas reproduzidas na Galiza, que, então, vivenciava o prazer de criar pela força do verso. E para tornar o cenário ainda mais fervilhante, expressões tipicamente galegas surgiram e se somaram às vanguardas e aos anacronismos, ambos ativos (e produtivos) ao mesmo tempo,

às vezes em um mesmo poeta ou até em um mesmo poema. Poesia social, neotrovadorismo, poesia erótico-amorosa, surrealismo, poesia rural, poesia urbana, etc. No espaço de pouco mais de cem anos, se considerarmos a primeira edição de *Cantares gallegos*, em 1863, como marco inicial do nascimento da poesia galega moderna, a Galiza teve um pouco de tudo. Daí o afã classificatório dos estudiosos. Seccionando e nomeando eles tentam compreender o processo, que somente ganha significado se entendido como um todo orgânico no qual são observados retrocessos e avanços. Pois bem, é nesse emaranhado de vozes, de cantos, de berros e de sussurros que se localiza a poesia de Xosé Lois García [6].

A poesia de Xosé Lois García no contexto das gerações galegas

De acordo com Morán, existem nove períodos principais básicos na poesia galega: 1) lírica medieval galaico-portuguesa; 2) decadência e séculos escuros (nos quais se desenvolvem a escola galaico-castelhana, a poesia popular e tradicional e a poesia erudita, nas vertentes renascentista e barroca); 3) rexurdimento pleno e precursores; 4) pré-vanguarda; 5) vanguardas (gerações de 1925 e de 1936); 6) vozes do pós-guerra (geração dos 50); 7) geração dos 70; 8) geração dos 80; e 9) poesia nova dos 90. A modernidade tal como a entendemos aportou na Galiza, salvo raras exceções como a obra única e

5 “Hai literaturas, como a francesa, que son todo idade de ouro, [...]. Hai outras literaturas que por circunstancias de pendor diverso posúen etapas de maior relevo e xeiras máis cativas, ou mesmo de ausencia. [...] Moitas veces o devalar dos pobos instaura o silencio, acaso indefinido, permanente. Outras, o vendaval, a forza xeradora de camiños impulsa fluencias de beleza en palabras, cando non son estas as que xeran a forza e o camiño. Hai tamén poesía nacida en boa terra, e ceibe e vagarosa perfila o seu cariz. E hai versos de poetas que exercen de soldados, por veces renunciando ás galas e ao cicel. O pobo galego ten a súa historia literaria tecida no decurso histórico con fios directamente relacionados coas súas fases de expansión e depresión. A literatura galega vai sempre parella á existencia de Galicia como pobo, ben sexa porque a sociedade galega vive con ‘normalidade’ o seu devalar histórico (Idade Media), ben porque un mínimo de conciencia cívica procura mellores tempos” (MORÁN, 1999:15).

6 Para um estudo completo da obra poética de Xosé Lois García, cf. o nosso *A letra e o ar: palavra liberdade na poesia de Xosé Lois García*, obra editada em 2004 na cidade de Lisboa pela Editora Universitária. Uma segunda edição atualizada, corrigida e aumentada será brevemente lançada pela Editorial Toxosoutos de A Coruña.

imprescindível de Manuel Antonio [7], no final dos anos 20 e especialmente no período do pós-guerra. Nesse sentido, é bastante útil a clássica antologia preparada por Miguel González Garcés: *Poesía gallega de posguerra* (1939-1975). Os grandes poetas galegos do segundo e terceiro quartéis do século XX, que influenciaram todas as gerações posteriores, se localizam com maior força entre 1939, ano que marca o início da maior catástrofe da humanidade, e 1975, data especial não só para os galegos, mas para todos os espanhóis, pois nesse ano termina o ocaso das línguas regionais até então mantidas pelo Estado Espanhol na obscuridade. Entre estes momentos históricos estão Luis Pimentel, Aquilino Iglesia Alvariño, Emilio Pita, Ricardo Carballo Calero, Luis Seoane, Celso Emílio Ferreiro, Eduardo Moreiras, Xosé María Díaz Castro, Xosé María Álvarez Blázquez, Miguel González Garcés, Lorenzo Varela, Pura Vázquez, María Mariño, Emilio Álvarez Blázquez, Antonio Tovar Bobillo, Tomás Barros, Luz Pozo Garza, Manuel Cuña Novás, Manuel María, Xosé Luis Méndez Ferrín, Uxío Novoneyra, Xohana Torres, Bernardino Graña, Xosé Luis Franco Grande e Salvador García-Bodaño.

Nas obras de muitos desses poetas Xosé Lois García encontra referências imediatas, embora evidentemente não participe da geração do pós-guerra. De fato, alguns desses autores – Miguel González Garcés, Uxío Novoneyra, Manuel María e, mais do que todos os outros,

Celso Emílio Ferreiro – serão, em larga medida, modelos fundamentais para o jovem poeta que estreia em livro no ano de 1974. A poesia inicial de García é marcada por uma nítida inclinação social, à maneira do que então se tinha como o mais característico da poesia galega, conforme reiterou Celso Emílio em várias oportunidades. Dois anos antes, Xosé Lois escreveu um de seus poemários mais felizes, *Cancioneiro de Pero Bernal*, publicada apenas em 1988 devido a problemas com a censura franquista. Nesse livro é extraordinário como García compreende a fundo a lição dos trovadores e jograis galaico-portugueses, que a partir de então, com maior ou menor destaque, estarão sempre presentes em suas composições. Ao trovar em pleno século XX, García acaba por se associar, ainda que muito timidamente, ao movimento neotrovadoresco, do qual não participou, já que teve lugar na década de 30. Seus principais nomes foram Fermín Bouza Brey, Álvaro Cunqueiro, Xosé Filgueira Valverde, Xosé Díaz Jácome, Aquilino Iglesia Alvariño e Xosé María Álvarez Blázquez, tendo como precursores o trio formado por Carles Riba, Eduardo Pondal e Xoán Vicente Viqueira. Há características comuns entre os trovadores do século XIII e os neotrovadores do século XX (CASTRO, 1993:16) que, de uma forma ou de outra, influenciaram o *Cancioneiro de Pero Bernal* de García.

No *Cancioneiro de Pero Bernal* já se insinua o tema do amor. Após a fase puramente social

7 Sobre tal autor, que julgamos um dos mais interessantes da poesia galega, escreveu com acerto González Garcés: “A Manuel Antonio no le servía ya el sentimentalismo, plasmado en el post-romanticismo de Rosalía. Ni el falso celtismo, las añoranzas romántico-históricas de Pondal. Tampoco – aunque él fuera hombre radicalmente comprometido en su vida y mantuvo clara actitud en los problemas de Galicia y de la emigración – el prosaísmo de Curros. Ni la neopéica de Cabanillas con sus evocaciones hagiográficas e históricas. Ni el romanticismo, ni el positivismo, ni el realismo, ni el modernismo, eran ya válidos. Una preocupación universal, expresada a través de nuevas imágenes y con verdad vivida, determinó la poesía de Manuel Antonio. Lecturas abundantes de autores extranjeros, especialmente franceses de su momento; autenticidad, imaginación, creación, odio al tópico gallego inamovible de los continuadores e imitadores de los poetas del siglo XIX. Influjo de Apollinaire, Huidobro y Reverdy. Y de los ultraístas, a los que supera. El primer Gerardo Diego, Guillermo de Torre, Borges... Conoció, y en parte tradujo, la obra de Jean Epstein. Desrealización. Creación del poema por yuxtaposición de imágenes. Descripción esquemática. Predominio de la metáfora. Eliminación de la musicalidad. Renuncia casi total a la rima. Tendencia universalista y superación del ambiente rural costumbrista” (GARCÉS, vol. I, 1976:31-32). Após a tradução e a apresentação de Rosalía de Castro (MOURA, 2004), pretendemos, dentro de nossas limitações, trazer a poesia forte de Manuel Antonio para o Brasil, país que a desconhece completamente, como, de resto, quase tudo aquilo que é galego. Todavía, há ainda que se encontrar uma casa editorial disposta a apostar em Manuel Antonio, eis que a antologia e o estudo já estão prontos.

de García, finalizada em 1978 com a publicação de seu terceiro livro, *Do Faro ó Miño*, este será o elemento principal da sua poética, que então amadurecia rumo ao discurso limpo e sugestivo que caracterizará seus poemários dos anos 80 e 90. Isso comprova que a poesia de Xosé Lois García não se reduz aos cânones que a crítica engendrou para visualizar os poetas dos anos 80 e 90 [8]. Bem se vê que os pressupostos de Xosé Lois García são outros. Sua poética difere daquela que caracterizou a década de 90 e também, em menor escala, da que se conformou na década de 80. Nos anos que vão de 1983, com a publicação de *Aquarium*, até 1999, quando aparece sua obra magna, *O som das águas lentas*, García não se filia a quaisquer correntes. Sua poesia corresponde antes à culminação e ao prolongamento de premissas e assuntos caros ao poeta, o que fica claro em *Kalendas*, obra monumental editada em 2005 e, por várias razões, a mais importante de sua bibliografia poética. O *Diccionario da literatura galega* traça com breves e exatas palavras o perfil de Xosé Lois García: “Poeta que se dá a coñecer a finais dos anos setenta con poemarios comprometidos, aínda que logo vira cara ó erotismo e a reflexión sobre o home. [...] Poeta de profundas raigañas líricas que se move entre dous temas fundamentais, o compromiso dos seus primeiros libros e mais o amor, o erotismo e um profundo sentimento de arraigo na paixage galega” (VÁRIOS AUTORES,

1995:248).

A terra, o amor, a morte e a língua são temas constantes explorados de maneiras específicas e variadas por García ao longo de mais de três décadas de labor poético. Mas é preciso não exagerar a afirmação. Sem dúvida, Xosé Lois García não se isolou da cena literária galega, apesar de residir em Barcelona. Muitas das características de poetas contemporâneos seus como Darío Xohán Cabana, Xosé Devesa, Xulio L. Valcárcel e Fiz Vergara Vilariño são conotadas por García, pois representam aquele espírito de época do qual nenhum escritor consegue escapar ileso. Luciano Rodríguez, em sua antologia *25 anos de poesía galega (1975-2000)*, localiza a poesia de Xosé Lois García ao lado dos escritos de outros dois importantes poetas galegos da atualidade com os quais Xosé Lois mantém certa afinidade: Xavier Rodríguez Baixeras e Antonio Domínguez Rey. Ambos, coincidentemente, nasceram no mesmo ano em que Xosé Lois veio à luz.

A criatividade individual e as características próprias são predominantes na obra de Xosé Lois García, que insiste em ter uma linguagem só sua e uma mitologia toda especial, intransferível e irreduzível. Comenta Vicente Araguas em artigo publicado em *O correo galego* (Santiago de Compostela, 23/05/1996): “[Xosé Lois García] vai por libre no noso promíscuo panorama poético. E sen dúbida que fai moi ben”. De fato,

8 Uma antologia preciosa e muito bem editada sobre a geração dos 90, embora algo arbitraria como toda obra do gênero, é o livro de Helena González intitulado *A tribo das baleas: poetas de arestora*. Nele a autora busca visualizar os traços caracterizadores dessa promissora poesia: “As receitas para esta nova dieta poética foron varias: ruptura das fronteiras dos xéneros literários cara á narrativa e a dramática; sensación de que xa non eran precisas as variacións metaculturais para converter a poesía galega nunha poesía maior; desembarco masivo da ironía, distanciamento do eu lírico e polifonía; irrupción abraiante das poetas, verdadeiras dinamiteiras do imaxinario e da linguaxe; e achegamento á realidade cotiá, desvestida de transcendencia a priori e da linguaxe poética ó uso. O obxectivo era romper coa homoxeneidade poética, acomodada en espacios que non espertaban a emoción dos novos lectores nin reserbaban grandes folgos para a sorpresa. E seica a sorpresa, a conciencia de realidade e mais a emoción (non sentimentalismo, que nisto xa non serve o zume romántico) son as fontes de pracer e coñecemento que pode ofrecer hoxe a poesía. No afrontamento entre transcendencia e comunicación gañou esta, porque houbo un verdadeiro intento por devolver a poesía á nova contemporaneidade, ás preocupacións e intereses dos mozos dos 90. [...] As posibilidades estéticas e as estratexias discursivas son moi variadas. Relense os clásicos con distancia e axéitanse á contemporaneidade; apóiñense novos argumentos á cuestión da identidade nacional; reconfigúrase a visión do mundo desde unha posición identitaria dada (como muller, galego ou homosexual dunha maneira determinada, que tamén na cuestión das identidades se rexeitan os modelos hexemónicos); retómase a lectura posmoderna da épica; ou, finalmente, reconvértese a inaprensibilidade esencial da poesía nunha particular forma lírica da crónica, a narración ou a dramática para achegarse ó máis prosaico, actual e cotián” (GONZÁLEZ, 2001:7-8).

García não abre mão do conteúdo em nenhum momento, aliás, este é, felizmente, um traço que me parece comum à poesia galega atual, ao contrário da brasileira, que cada vez mais se inclina para a adoção de uma pretensa forma auto-suficiente que não diz absolutamente nada. Isso não significa que García não se preocupe com a apresentação gráfica e formal do poema, sem o que sua capacidade de emocionar e de impactar seriam reduzidas. Basta ler os versos de *Aquela rosa e outras* – poemário contido em *No imo do tempo* – para compreender como García sabe equilibrar forma e conteúdo.

A temática poética de Xosé Lois García

Na obra de Xosé Lois García há uma produtiva tensão entre a letra e o ar. O poeta reivindica plena liberdade para suas peças. Com a segurança da letra e a leveza do ar, seus poemas constroem um percurso de liberdade: liberdade para a terra galega, liberdade para amar, liberdade para morrer e, talvez mais importante do que todas as outras, liberdade para dizer quando quiser, o que quiser e como quiser. A liberdade de escrever em galego ou, muito pelo contrário, em português. A poesia de Xosé Lois modula-se no fértil encontro entre forma e conteúdo, com o que o poeta se sente livre para inventar: palavra-liberdade.

A verdadeira poesia é poesia final, é poesia que não aceita acordos. E nesse universo imenso a obra de Xosé Lois merece distinção especial: de sua rica horta o poeta fez nascer a letra embalada pelo ar e provou que é possível criar uma poesia rigorosamente construída, estruturada em modelos bem arquitetados, formal e moderníssima, mas que nunca esquece o ar que enche a letra e a torna legível pelos humanos. O ar que respira a si mesmo e nos dá alento. O conteúdo que não se perde no lance de dados de

Mallarmé, mas se encontra e nos encontra.

No universo poético de García localizam-se duas preocupações universais que assediam todos os homens: o amor e a morte, que no fundo são uma única questão que nós não podemos desvendar. Como não pensar a cada dia na finitude, observando a mudança dos tempos, o surgimento de novos hábitos e o desaparecimento daquilo que se tornou querido devido ao acúmulo dos anos? Todo homem pensa na morte, ainda que isso não o ajude a morrer bem, como prova a disjunção entre a obra e a vida de um poeta de primeira grandeza como Rainer Maria Rilke. E o amor? É realidade incorpórea, sol frio que brilha em nossas palpitações e que rege todo o universo, segundo a lição final de Dante. Não apenas o amor sensualizado e sexualizado, mas o sentimento de pertinência e de familiaridade que guardamos em relação aos homens e às coisas, pois também é possível amar um rio, uma paisagem, uma lembrança... O amor é esse mistério que nos faz existir. Ainda que no comum dos dias as tarefas quotidianas, os trabalhos repetitivos e a monótona engrenagem das horas teimem em nos transformar – a nós, seres humanos, compostos de luz e treva – em autômatos comprometidos apenas com o banal e o trivial, ainda assim guardamos a exata medida do que somos e podemos ser em uma chaga secreta chamada poesia. É nela que reencontramos a morte e o amor, Tântatos e Eros. A missão da poesia – se é que ela tem alguma – consiste em manter a nossa humanidade, o que significa conservar a individualidade de cada homem sem, no entanto, descaracterizá-lo como parte de um coletivo que deve ser plural.

O que se observa na poesia contemporânea – falo especialmente do Brasil – é uma desistência, uma profundidade similar àquela da poça de chuva, uma recusa em se aventurar e buscar o inatingível. Os poetas brasileiros – não apenas a arraia-miúda sempre pronta a reproduzir de maneira servil a

dicção dos papas literários, mas principalmente os grandes nomes – há muito se esqueceram da matéria do poema. Tal se deve a um exacerbado tecnicismo que se liga à forma do texto. Os poetas se cansaram, tudo que há é continente sem conteúdo, disso decorre o abandono da poesia propriamente dita e a adoção de um formalismo em si e por si mesmo. O poema torna-se, mais do que nunca, equação matemática, fria nitidez de estrofes cuidadosamente construídas. Não se fala muito em amor e morte, isso está fora de moda, coisa de românticos. Não se percebe que a grande poesia do Ocidente não falou de outra coisa a não ser de amor e morte. É hora de retomar e de pintar com cores novas essas temáticas. Por isso julgo não apenas salutar, mas também urgente a leitura da poesia de Xosé Lois García. Com efeito, toda leitura poética é também contágio poético. Ao vivenciar o amor e a morte em seus poemas, Xosé Lois García inicialmente os tratava como entidades separadas, mas ao longo de seu discurso o poeta compreendeu que não são coisas diversas, mas faces da mesma moeda, essa moeda à qual nós – lusófonos e galegos – damos um nome que pode parecer intraduzível para as outras línguas: saudade, essa espécie de amor universal e abstrato pelas coisas que passaram, que passam e passarão. Ter saudade é reconciliar a máxima vida – o amor – com a negação dessa mesma vida – a morte – tendo como resultado um sentimento crepuscular de doce ausência.

O poema é como a árvore: tem que frutificar, senão só dá sombra. E neste nosso mundo precisamos é de luz e de fruta doce, não de sombra, pois os obscuros impérios já a têm gerado por demais. A leitura da obra de um autor como o galego Xosé Lois García é uma oportunidade para, mais do que celebrar as inúmeras semelhanças entre culturas diversas, sublinhar e cantar as diferenças. Nos tempos sombrios em que vivemos, nos quais toda

diferença é tachada como perigosa e, portanto, merece ser destruída, a afirmação de que em nossa igualdade reside nossa irredutível diferença é um ato de coragem. Fazer-se humano é ser igual e também diferente. Ninguém morre duas vezes, cada um tem a sua própria morte, libertadora ou terrível. Ninguém ama duas vezes, o amor é sempre um sol que se expande, porém é sempre o mesmo sol. Temos nossos amores, nossas mortes, nossas diferenças. Mas é na saudade universal de um futuro que não chega que aprendemos a ser irmãos, que aprendemos a ser iguais em nossas particularidades.

Referências bibliográficas

CARPEAUX, Otto Maria. **Rosalía de Castro:** ecce poeta. In: Suplemento Literário de O Estado de São Paulo. São Paulo, 01/04/1967.

CASTRO, Pilar (org). **Antoloxía da poesía neotrobadoresca.** Vigo: Galaxia, 1993.

GARCÉS, Miguel Gonzáles. **Poesia gallega de posguerra (1939-1975).** 2 vols. La Coruña: Ediciones del Castro, 1976.

_____. GARCÍA, Xosé Lois (org). **Alén do azul:** unha ducia de poetas galegos en Catalunya. A Coruña: Edicións do Castro, 1999.

_____. **A figueira lingoreiteira.** A Coruña: Edicións do Castro, 1996.

_____. **África:** em sinfonia solar. Braga: Frouseira, 2005.

_____. **Aquarium.** A Coruña: Edicións do Castro, 1982.

_____. **Borralleira pra sementar unha verba.** Monforte de Lemos: Xistral, 1974.

_____. **Círculo de luz e xisto.** A Coruña: Espiral Maior, 1994.

_____. Cruilles de Sant Andreu de la Barca. Braga: Frouseira, 2007.

_____. **Do Faro ó Miño**. A Coruña: Ediciós do Castro, 1978.

_____. **Do Faro ó Miño II**. Chantada: Asociación Xohan de Requeixo, 2007.

_____. **Falo de Baco**. Braga: Frouseira, 1998.

_____. **Kalendas**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2005.

_____. **Labirinto incendiado**. Amarante: Edicións do Tâmega, 1989.

_____. **Materia corporal**. Santiago de Compostela: Coordenadas, 1986.

_____. **Mornas**. Inédito, 7 p.

_____. **No imo do tempo**. A Coruña: Toxosoutos, 2007.

_____. **Non teño outra cantiga**. Barcelona: edición do autor, 1975.

_____. **O som das águas lentas**. Porto: Campo das letras, 1999.

_____. **Os indícios do sol**. Braga: edición do autor, 1988.

_____. **Paixón e rito**. Lugo: Sons Galiza, 1993.

_____. **Petroglifía: poemas a Sober**. A Coruña: Toxosoutos, 2010.

_____. **Poemas pornofálicos**. Lisboa: Pangea, 2005.

_____. **Pórticos do gozo: poemas a Pantón**. A Coruña: Toxosoutos, 2008.

_____. **Rosto incompleto**. A Coruña: Espiral Maior, 1996.

_____. **Sambizanga**. Braga: Frouseira, 1999.

_____. **Tempo precario**. Coleção de livros escritos entre 1972 e 1987 (**Cancioneiro de Pero Bernal**, 1972; **Abrilsonetos**, 1974; **Do Miño ao Faro**, 1977; **Memoria doutros corpos**, 1979; **Merlán**, 1980; **Materia corporal**, 1981-1983; **Cinco baladas para Xohan de Requeixo**, 1982; **Poemario das adiviñas**, 1983; **Aínda outra primavera**, 1984; **Poemas de andar e ver**, 1983-1984 e **Salmos do norte profundo**, 1987). A Coruña: Ediciós do Castro, 1988.

GONZÁLEZ, Helena (org.). **A tribo das baleas: poetas de arestora**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2001.

MORÁN, César (org.). **Río de son e vento: unha antoloxía da poesía galega**. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 1999.

MOURA, Andityas Soares de. **A letra e o ar: palabra-liberdade na poesía de Xosé Lois García**. Lisboa: Universitária, 2004.

MOURA, Andityas Soares de. **A rosa dos claustros** (antologia bilíngue de poemas galegos de Rosalía de Castro com tradução, introdução e notas de Andityas Soares de Moura). Belo Horizonte: Crisálida/Ministerio de Educación, Cultura y Deporte de España, 2004.

MUSIL, Robert. **O homem sem qualidades**. Trad. Lya Luft e Carlos Abbenseth. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

RAÑA, Román (org.). **Manual e escolma do rexurdimento**. 2. ed. Santiago de Compostela: Sotelo Blanco, 1999.

RODRÍGUEZ, Luciano (org.). **25 anos de poesía galega (1975-2000)**. 3 vols. Vigo: Edicións Xerais de Galicia/Espiral Maior/La Voz de Galicia, 2002.

VÁRIOS AUTORES. **Diccionario da literatura galega**. Vigo: Galaxia, 1995.

Artigo enviado em: 03/07/2014

Aceite em: 19/02/2015